



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

SADRAQUE DE ABREU BEZERRA

**DESSILENCIANDO *ÚRSULA*: UMA ANÁLISE DO ROMANCE DE MARIA
FIRMINA DOS REIS**

**GUARABIRA/PB
2023**

SADRAQUE DE ABREU BEZERRA

**DESSILENCIANDO *ÚRSULA*: UMA ANÁLISE DO ROMANCE DE MARIA
FIRMINA DOS REIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras-Português.

Área de concentração: Literatura, identidade e alteridade.

Orientador: Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza

GUARABIRA/PB
2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B258d Bezerra, Sadraque de Abreu.
Dessilenciando Úrsula [manuscrito] : uma análise do romance de Maria Firmina dos Reis / Sadraque de Abreu Bezerra. - 2023.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.
"Orientação : Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza, Departamento de Letras - CH."
1. Subalternidade. 2. Dessilenciamento. 3. Literatura Afro-brasileira. 4. Maria Firmina dos Reis. I. Título
21. ed. CDD 808.068

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Altíssimo, autor e consumidor da minha fé, amigo inseparável e insubstituível, Deus, que se fez luz, que alumiu todos os meus passos nessa jornada tão tortuosa e prazerosa. Ao passo que em todas as minhas dificuldades e frustrações foi porto seguro, ânimo e conforto. Agradeço a Ele eternamente pela sabedoria, inteligência e capacidade. Ao mesmo tempo, agradeço a Ele por todas as dificuldades que me fizeram crescer nesse percurso. Adicionalmente, agradeço a Deus, pela oportunidade de ser o primeiro graduado em um curso superior na minha família. Ao Deus da minha vida, eternamente glória e louvor.

Agradeço às mulheres que são minha base. Em primeiro lugar, a minha esposa Ewelyn, quem trilhou comigo por toda essa jornada, me motivou e encorajou quando eu já não acreditava em mim mesmo, a ela expresso minha eterna gratidão e amor. A minha avó Maria Abreu, louvor a Deus por sua vida por ter me ensinado o caminho do Senhor e dedicado tanto empenho na minha educação, sempre me impulsionando a estudar. À minha mãe, Gorete Abreu, a quem devo muito carinho e amor, deixo aqui os meus singelos agradecimento por ser amiga, irmã e motivadora dos meus estudos. Às minhas tias, Cristina, Maria José (Mazé), Nerci, os meus agradecimentos por terem sido minhas mães e contribuíram na minha formação como homem. A minha bisavó Maria Nazareno, em memória, a quem almejava me ver doutor, também agradeço.

Agradeço ao meu irmão, Samuel, por ser um irmão incrível e sempre interessado em como andam meus estudos.

Agradeço aqui, em tom saudoso, ao meu avô, Manoel Remigio (Mané Carneiro), em memória ao homem que modificou toda minha vida, um pai-avô que, na ausência do pai biológico, supriu todas as minhas necessidades. Ao senhor agradeço por todas as histórias de terror que me contaste na infância que me despertou meu amor pela literatura. Além dos filmes de terror, os passeios de bicicleta, aos cuidados quando estive chaguento. Por ter comprado um notebook para mim que foi de extrema importância para a realização dos trabalhos acadêmicos. Enfim, a todo empreendimento de tempo dedicado a mim. Uma pena, não tê-lo nesse momento tão importante na minha vida, mas agradeço a Deus por ter tido o privilégio de ter tido o senhor como pai. Fica aqui meu eterno agradecimento.

Aos professores, João Paulo, Olavo, Andrea e Edilma, que em suas aulas me proporcionaram momentos de grande aprendizado e que agregaram na minha bagagem como professor, fica meu agradecimento.

Aos amigos, Jaqueline, Vanessa, Rita, Izadora, Amanda, que me proporcionaram momentos de aprendizado e entretenimento, deixo aqui meu carinho por vocês. A Roseane, amiga de longas datas que me faz deliciar-me com a literatura fantástica e foi um dos instrumentos para o ingresso no curso de letras, deixo a minha admiração e carinho.

À Aliança Bíblica Universitária (ABU), agradeço a Deus pelo tempo de existência ativo, vocês foram cruciais em minha jornada, agradeço a Deus por cada componente.

À banca examinadora, externo meus agradecimentos por participarem desse momento importante na minha jornada acadêmica.

Ao meu querido e amado orientador, professor Olavo Barreto, agradeço por ter acreditado em mim e não ter desistido. Professor-orientador que é inigualável e incomparável. Um ser humano empático e solícito. Cresci muito em nossas

orientações e conversas, a quem devo muito e serei eternamente grato por tudo quanto proporcionou nessa caminhada. Agradeço-te por todo conhecimento transmitido e empenho, deixo expresso minha imensa gratidão ao senhor.

Tributo a Deus toda honra, glória e louvor para todo o sempre, amém!

SADRAQUE DE ABREU BEZERRA

**DESSILENCIANDO ÚRSULA: UMA ANÁLISE DO ROMANCE DE MARIA
FIRMINA DOS REIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras-Português.

Área de concentração: Literatura, identidade e alteridade.

Data da aprovação: 28/11/2023

BANCA EXAMINADORA

Olavo Barreto de Souza

Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza (orientador)
Universidade Estadual da Paraíba

Anilda Costa Alves

Prof.^a Dr.^a Anilda Costa Alves (examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba

Joseane Mendes Ferreira

Prof.^a Dr.^a Joseane Mendes Ferreira (examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba

A Manoel Remigio de
Abreu, avó-pai, muito
amado e honrado,
dedico.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 MARIA FIRMINA DOS REIS: PIONEIRISMO, MARGINALIDADE E O CÂNONE.....	11
2.1 MARIA FIRMINA DOS REIS E O ROMANTISMO.....	14
3 ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS: ASPECTOS GERAIS DA TRAMA.....	16
4 A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM ÚRSULA: A SUBALTERNIZAÇÃO.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
6 REFERÊNCIAS.....	22

DESSILENCIANDO ÚRSULA: UMA ANÁLISE DO ROMANCE DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Sadraque de Abreu Bezerra¹

RESUMO

O presente artigo objetiva refletir sobre a representação e construção do feminino no sistema patriarcal oitocentista na obra *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, dando com foco na personagem Úrsula. Ela demonstra-se como o plano de fundo para vozes marginalizadas e subalternas e se distancia de outras heroínas românticas que seguem um perfil estagnado e sem dinamismo, ao abrir lugar de fala para personagens secundárias na narrativa, a exemplo do trio de negro, Túlio, Antero e a Preta Susana. Essas personagens foram emudecidas e marginalizadas, mas quando estas vozes subalternas tem suas vidas violadas, a personagem também cai no silêncio do discurso hegemônico e dominante, sofrendo violência física, psicológica e simbólica. Diante dessa contextualização, objetivamos ao longo desta pesquisa discutir a condição subalterna da mulher branca e negra, as questões voltadas para violência simbólica, psicológica e física, como a personagem foi construída no enredo narrativo e sua representação. A personagem por estar em um cenário patriarcal sofre a imposição naturalizada e da normatividade do discurso da tradição que a põe à mercê do predeterminismo masculinista, a serem submissas, destinadas ao casamento e mantê-lo a todo custo. O amor romântico das personagens protagonistas é uma ruptura ao desconstruir conceitos preconcebidos e perpassados pelo discurso machista. Assim, tendo em vista, os aspectos metodológicos, nossa investigação possui caráter qualitativo, de base bibliográfica, ao dialogar com o conceito de subalternidade de Spivak (2010) que possibilita o dessilenciamento e a ruptura com estereótipos que persistem em subalternizar tanto personagens femininas, como escritos de autoria feminina. Também, refletiremos, a partir de Cândido (2002), a despeito da literatura romântica no Brasil, além de, considerando os postulados de Nascimento (2009) e Da Silva (2009), Zin (2018), Carrupt (2019), entre outros, discutir nos trechos do romance focalizado a impossibilidade de ascender, de se impor e da desconstrução do feminino subalternizado e marginalizado. Como resultados, percebemos que ao longo da narrativa se desenvolve a representatividade feminina como forma de resistência, ao imprimir voz às personagens secundárias subalternas e marginalizadas em um contexto que limitava o discurso feminino a mercê da imposição de um discurso centrado no tradicionalismo patriarcal naturalizado. Esta condição pesou na construção de uma sociedade que valoriza as mulheres e suas atribuições, que perduram até os dias atuais.

Palavras-chave: Subalternidade. Dessilenciamento. Literatura Afro-brasileira. Maria Firmina dos Reis.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the representation and construction of femininity in the nineteenth-century patriarchal system in the work "Úrsula" by Maria Firmina dos Reis, focusing on the character Úrsula. She serves as the backdrop for marginalized and subaltern voices, distancing herself from other romantic heroines who follow a

¹ Graduado em Letras - língua portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III. E-mail: sadraque.bezerra@aluno.uepb.edu.br.

stagnant and non-dynamic profile by giving a voice to secondary characters in the narrative, such as the trio of black characters—Túlio, Antero, and Preta Susana. These characters were silenced and marginalized, and when these subaltern voices have their lives violated, the main character also falls into the silence of the hegemonic and dominant discourse, suffering physical, psychological, and symbolic violence. In the context provided, our objective throughout this research is to discuss the subordinate condition of white and black women, issues related to symbolic, psychological, and physical violence, how the character was constructed in the narrative, and its representation. Being in a patriarchal setting, the character faces the naturalized imposition and normativity of the tradition that puts her at the mercy of masculinist predeterminism, to be submissive, destined for marriage, and to maintain it at all costs. The romantic love of the main characters becomes a rupture by deconstructing preconceived concepts perpetuated by a sexist discourse. Considering the methodological aspects, our investigation is qualitative and based on literature, engaging with Spivak's (2010) concept of subalternity, enabling the unveiling and breaking stereotypes that persist in subalternizing both female characters and writings by female authors. Additionally, we reflect on Brazilian romantic literature with Cândido (2002), considering the postulates of Nascimento (2009), Da Silva (2009), Zin (2018), Carrupt (2019), among others. We discuss in the excerpts of the focused novel the impossibility of ascending, asserting oneself, and the deconstruction of subalternized and marginalized femininity. As a result, we observe the development of female representation throughout the narrative as a form of resistance, giving voice to subaltern and marginalized secondary characters in a context that limited the female discourse to the imposition of a discourse centered on naturalized patriarchal traditionalism. This condition influenced the construction of a society that values women and their contributions, which persist to this day.

Keywords: Subalternity. Unveiling. Afro-Brazilian Literature. Maria Firmina dos Reis.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar a representação e a construção da personagem feminina no sistema patriarcal oitocentista presente na obra *Úrsula*, publicada em 1859, da autora Maria Firmina dos Reis, com ênfase na personagem Úrsula. Desse modo, discutimos a realidade, os problemas, os estereótipos e conflitos vivenciados pela personagem protagonista, que ao longo da narrativa muito se difere de outras heroínas representadas na literatura brasileira. A personagem tem voz ativa, o que termina por permitir que outras personagens se identifiquem com a representação do sujeito feminino, a exemplo, da Preta Susana, Túlio, etc.. Neste contexto, no qual a configuração de gênero condiciona ações e valores sexistas e patriarcais, destacaremos a personagem Úrsula, vinculando-a ao ambiente do patriarcado escravagista representado na sua relação amorosa que, por sua vez, é o plano de fundo² para realizar sutilmente o descaso com as mulheres brancas marginalizadas e os negros da sua época. Abordaremos, questões voltadas ao silenciamento, misoginia e religiosidade.

² Optamos ao longo desta análise nos apropriar da expressão “plano de fundo” para designar que a personagem fica nos bastidores enquanto as personagens secundárias assumem o primeiro plano da narrativa.

Trata-se da primeira obra de autoria feminina no contexto de Brasil Império, abordando questões sociais, cujo aspecto ideológico é claramente a favor de causas abolicionistas. A obra de Firmina recria um ambiente escravista, de 1800, onde a mulher, em suas nuances, detendo pouca voz, sofrem imposições sexistas que regulavam o comportamento feminino, restando-lhe a receita identitária de se casar e procriar.

Ao lado disso, a escritora Maria Firmino dos Reis, em função dos valores canônicos marcados pela ideologia masculina, sofreu um longo processo histórico de invisibilidade. Ressalta-se, isso pode ser interpretado à luz de um contradiscurso ao falocentrismo, já que a autora publica seu romance sem revelar seu nome, subscrevendo, na primeira edição, “uma maranhense”. Além disso, em tons de constrangimento, no prefácio de seu livro, formula uma espécie de desculpa por ousar no empreendimento da escrita por “ser mulher e mulher brasileira, de educação acanhada e sem trato e a conversação dos homens ilustrados” (Reis, 2018, p. 10).

Ao tratar de temáticas sociais presentes em seu contexto histórico abordado fora das estéticas vigentes que eram perpassadas que quase passam despercebidos a um primeiro olhar. A obra traz personagens atuantes na formação da identidade brasileira, produzindo um “instinto de nacionalidade às avessas”³, uma vez que o negro é dotado de humanidade, com sua identidade africana e a mulher subalternada. Para Nascimento (2009, p. 34) “a narrativa apresenta histórias dos oprimidos da sociedade colonial, o enaltecimento exacerbado a natureza brasileira, possibilita o cenário ideal para as personagens participarem e se posicionem quanto a ideia de nação brasileira, a partir dos seus ideais que refletem suas vidas pessoais”. O negro e a mulher em Reis carregam questões de gêneros e etnicidades, a mulher marginalizada, subalterna e o negro desumanizado e apatriado, fomentam um nacionalismo a partir das suas histórias, que confrontam e distorcem a estrutura colonial patriarcal.

Em *Úrsula* encontramos as estéticas românticas permeadas no romance histórico, através da protagonista que se torna o plano de fundo para a voz do negro africanizado e da mulher branca marginalizada, misturado de sentimentalismo romântico que para Candido (2002, pg.57) “piegas e repleto de lamúrias”. Este sentimento ganha forma por meio das relações interpessoais e íntimas das personagens que ao discursarem refletem suas posições identitárias e políticas. O negro expressa sua voz africana e encontra na sua mentalidade a liberdade, não ficando preso ao emudecimento. A narradora traça o panorama socio-geopolítico do país, torna-se a percussora a dar voz ao negro em pleno sistema escravocrata e a mulher em meio ao patriarcado colonial, nesse preâmbulo é discutido o relacionamento das mulheres e dos negros com os senhores de engenhos. O romance mergulha no íntimo das personagens, resgatando a memória e fazendo análise dos seus sentimentos, contrastando amor e ódio, tudo sob o ambiente da

³Essa noção que aqui desenvolvemos possui ligação intertextual com o ensaio de Machado de Assis “Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de nacionalidade”, publicado em 24 de março de 1873, que trata da busca pela construção de uma identidade nacionalista de valorização ao patriotismo e a necessidade de se pensar no ideal brasileiro, ao passo de romper com os moldes eurocêntricos e se pensar no nacional como fonte de uma literatura em formação de transformação num percurso ascendente que permite olhar para o passado, mirar no futuro e construir uma nacionalidade autossuficiente.

sombra gótica que promove um clima sombrio, a qual a morte e o amor estão a se abraçarem em um nó que é impossível desatar.

Nascida em 11 de março de 1822, em São Luís do Maranhão e morreu em 11 de novembro de 1917, na cidade de Guimarães, no Maranhão, Maria Firmina dos Reis escreveu romances como *Úrsula* (1859), nosso objeto de estudo, *Gupeva* (1861/1862), os poemas de *Parnaso Maranhense* (1861), *Cantos à Beira-Mar* e diversos outros poemas. Historicamente a sua posição lhe rendeu destaque na luta pela autonomia feminina. Embora não tenha tido reconhecimento ao seu tempo, por ser o cânone⁴ da época ser patriarcal e não reconhecia na práxis a legitimidade da escrita feminina.

A natureza dos escritos da autora, em tom marcadamente descritivo, como se pauta no Romantismo, aponta para desnudar, trazer à tona a realidade escravista, retratando o ambiente hostil, inóspito, fortemente marcado pelo sexismo, também na construção de uma realidade fragmentada que o país estava, branco e negros, tudo sobre a perspectiva da escravidão, como também na marginalização da mulher branca. A sua obra, embora tenha uma pequena fortuna crítica, é tratada por estudiosos como Horacio Romero (1974), Juliano Carrupt (2019), Rafael Balseiro Zin (2008), entre outros.

A escolha do objeto de estudo tem como objetivo tornar visível uma escritora que foi marginalizada por ser mulher e negra, bem como dar destaque às representações e valores deste período pela visão feminina, já que no Romantismo a dominante das visões pertence aos homens escritores.

Assim, tendo em vista, os aspectos metodológicos, nossa investigação possui caráter qualitativo, de base bibliográfica, ao dialogar com o conceito de subalternidade Spivak (2010) que possibilita o dessilenciamento e a ruptura de estereótipos que persistem em subalternizar tanto personagens femininas, como escritos de autoria feminina, também refletiremos a partir de Cândido (2002) a despeito da literatura romântica no Brasil, Nascimento (2009) e Da Silva (2009), Zin (2018), Carrupt (2019), entre outros, de forma a devassar através das passagens literárias, a impossibilidade de ascender, de se impor e da desconstrução do feminino subalternizado e marginalizado

2 MARIA FIRMINA DOS REIS: PIONEIRISMO, MARGINALIDADE E O CÂNONE

É importante, antes de tudo, definirmos a literatura feminina e a literatura de autoria feminina, de modo a fazer uma breve contextualização sobre a atuação feminina oitocentista, para só depois falarmos de Firmina. Compreendendo que há muito se debate sobre a existência de uma literatura feminina, escrita por homens e mulheres, como afirma Araújo e Silva, e Nascimento (2011 *apud* Funck 1994), entende-se por literatura feminina ou escritos femininos, escritos por homens acerca do feminino, caracterizando, retratando e definindo sobre perspectiva masculina de compreender a realidade feminina. A literatura de autoria feminina, são escritos de

⁴ A noção de cânone que adotamos pode ser entendida como escritos que em um período histórico alcançou notoriedade social e galgou posição de permanência, como também, pela seleção consensual de escritos de relevância social, pela valorização e lembrados, embora esta seleção e aceitação não seja consciente e perceptível, mas imposta e desnivelada pela hegemonia de determinado período histórico e social.

mulheres sobre si mesmas, representando seus afetos e ideias, bem como questões de identidade e sexualidade, bem como as questões de identidade e posição social como nos mostra Xavier (1994, p.87) “diz que a narrativa produzida por mulheres, em sua maioria, traz a marca do sexo de suas autoras, pois apresentam em suas obras conflitos inerentes à condição feminina”.

A literatura de autoria feminina passa por fases como nos mostra DUARTE (1994 *apud* 1984) essas fases corresponderiam ao movimento feminista e as suas ondas. Na primeira fase, intitulada de Andrógina, corresponde aos primeiros registros de escritos, primeiras manifestações literárias por mulheres numa tentativa de “escrever como homens” . Na segunda fase Feminina, dado as mudanças da consciência feminina e suas implicações no cotidiano, requisitaria na forma de passar a ter um discurso sobre si. A última fase denominada Feminista, as mulheres passam a escrever sobre a realidade feminina em seus textos, essa fase foi marcada pelo Ano Internacional da Mulher.

Ainda em Duarte (1994) é concedido pela teórica Elaine Showater, três distinções das manifestações da literatura de autoria feminina. A fase mais imitativa das normas e estéticas masculinas, intitulada Feminina. Seguindo com a fase da revolta, revolucionária, de rebelião, é chamada Feminista. E, por último, de concretização ou autorrealização, se intitula fêmea.

Sobre essas duas classificações, Duarte (1994, p. 22) afirma que:

As duas tentativas de classificação, é fácil verificar, revelam-se ainda ineficientes para interpretar a maioria dos textos. Não é tão simples encaixar escritoras que oscilaram entre a submissão parcial e o conformismo com sua situação. As contradições são muitas e seguramente surgiriam dificuldades numa rotulação tão esquemática.

O pensamento feminino sempre esteve à margem da sociedade, ou seja, entende-se por limitar a uma única fase as escritoras femininas, é segregar, pois estas, a despeito de seus estilos, estiveram a frente do seu tempo, uma vez que representam uma particularidade em que as denúncias e visões diferenciadas sedimentam um lugar político na formação da sociedade, pautando “fora” das estéticas o reflexo distópico. Vejamos alguns aspectos gerais da mulher e sua obra na história.

Neste contexto, as mulheres do período colonial escravista no Brasil não dispunham de uma participação efetiva na vida pública, portanto apareciam objetificadas pelo sistema de valores machistas e cristão que disseminavam a submissão e o silenciamento, qualquer posicionamento contrário ao apregoado era considerado perversão e subversão. A doutrinação destas mulheres causa a separação ou segregação do que Simone de Beauvoir chama de “segundo sexo”. Os homens desde os primórdios escrevem a história da civilização através dos séculos, construindo um discurso de poder que determina um padrão. Assim explica Foucault (1996, p. 37) acerca do apagamento e exclusão dos discursos:

Creio que existe um terceiro grupo de procedimentos que permitem o controle dos discursos. Desta vez, não se trata de dominar os poderes que eles têm, nem de conjurar os acasos de sua aparição; trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim e não permitir que todo

mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala.

Portanto, as mulheres cujos valores são apresentados e marcados pela seleção e o apagamento na literatura tem seus discursos vetados. As mulheres pelo discurso biológico eram destinadas ao tear, matrimônio e reprodução, às funções domésticas e poucas aprendiam a ler, mas com restrições, a exemplo do livre acesso a livros de receitas e versos de amor, entendidos como “coisa de mulher”.

Ainda segundo Gonçalves (2017, p.15):

A alternativa do pseudônimo, por exemplo, foi uma saída encontrada para o estigma negativo da mulher que se assumia escritora, porém o ato simbólico de negar a própria identidade em prol da —fantasia de homem intensificava contradições internas entre o papel social e o ímpeto criador.

Em meio a situação de silenciamento e obscuridade podemos destacar mulheres que “subvertem” e resistem ao conformismo marcado pela opressão, misoginia, como Nísia Floresta que ganha destaque na literatura de cunho feminista, sendo a primeira mulher a lutar pelo direito da mulher, no seu primeiro livro *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, publicado em 1832. Sua obra traz o questionamento sobre o lugar social da mulher, como também defendia a causa dos negros e dos indígenas. Destaca-se aqui nesse momento, Maria Firmina dos Reis, negra, bastarda e acanhada em leitura, se definiu, dentro do reflexo da cultura predominante. A escritora rompe com os paradigmas ao publicar *Úrsula* em 1859, obra que denota o sincretismo, a marginalização da mulher branca e a opressão sofrida pelos negros.

Sobre a atuação sociopolítica de Reis é preciso a ênfase ao seu nascimento no período colonial, em uma província do Império, tendo marco inicial da sua atuação em 1847, ano em que realiza um concurso e vem integrar a *Cadeira de Instrução Primaria*, deste modo se torna a primeira mulher a exercer o cargo de magistério no Maranhão. No ano de 1881, se aposenta, ano, aliás, em que funda em Maçaricó a primeira escola mista e gratuita do país. Este fato da fundação causou alvoroço na cidade e culminou no cancelamento das aulas após dois anos e meio de funcionamento. A escola tinha a proposta política de transformação social no que diz respeito ao entendimento de educação, capaz de proporcionar à sociedade da época inclusão e igualdade para todos. É o que aponta Zin (2016 apud Nascimento, 1975, s/p) ao compreender que a escola traria a “revolução socio-educacional” dado o seu pioneirismo pedagógico de caráter “subversivo”.

Com a publicação de *Úrsula* em 1859, a temática da mulher branca sob a ótica do silenciamento e da marginalização, dos negros cativos e oprimidos, ganha visibilidade e notoriedade, chocando a sociedade da época. Sob o Pseudônimo *Uma Maranhense*, obra de cunho libertário e abolicionista, ainda traz em si o peso de uma mulher escritora que não pôde escrever usando seu nome legítimo pelo medo de retaliação.

Reis, no jornal *A verdadeira Marmota*, tivera êxito em publicar seu conteúdo literário, obra que possibilitou a publicação de outras obras de mesmo cunho. Dado a sua notoriedade nas letras, passa a ser algo inédito, uma vez que as mulheres da época se sujeitavam à forma patriarcal da época nos valores morais quanto culturais. Mas Reis vai além dessas prescrições da época, rompe com os preconceitos, e se firma em temáticas relevantes e controvertidas como a da opressão sobre negro e da mulher branca ou negra.

É notório que as publicações de Reis contribuem para o engajamento do círculo de mulheres escritoras da época na imprensa, mesmo que estas publicassem sob pseudônimo que com o tempo saíram do anonimato para assumirem o seu lugar de direito e visibilidade. Na verdade, Maria Firmina dos Reis, representa o atrito para a questão do cânone da época.

Úrsula, obra-prima de Firmina, inaugura sob a rubrica da autoria feminina na literatura afro-brasileira. No entanto, essa obra é de autoria feminina do Brasil, ficou esquecida por quase dois séculos. E entre a primeira publicação em 1859 e a segunda em 1975, são 100 anos de silenciamento de uma obra de valor inestimável. Após a segunda publicação, segue-se outra em 1988 e em 2004, tendo em 2009 uma segunda edição de 2009. Percebe-se a exclusão de Maria Firmina dos Reis do cânone literário que para Bastos (2021, s/p): “o cânone é o resultado de um processo de solidificação de alguns nomes no seio da história (literária e nacional), sendo realizado por sujeitos em posição autorizada para legitimar, ou não, uma obra segundo critérios historicamente localizáveis”.

Considerando que o cânone é constituído majoritariamente pelo patriarcado que determina padrões e normas literárias, assim Reis por ser mulher e negra escrevia sobre o prisma preestabelecido ficara fora do cânone, representando, assim, a marginalização feminina.

Ainda acerca da obra *Úrsula*, podemos considerar como um marco na literatura brasileira por ser primeira obra de autoria feminina e negra, como também sendo o romance inaugural da literatura afro-brasileira, defendendo o abolicionismo. Maria Firmina dos Reis auto declarava em seu prólogo "bastarda, acanhada em educação, conhecendo apenas a língua de seus pais" (Reis, 2018, p. 6), compreendia o ineditismo de sua obra e o indiferentismo que ela considera glacial e mofador que sua obra sofreria (Reis, 2018, p.6) por romper o estigma da mulher que apenas devia aceitar a sua “fragilidade”, ficando a mercê do que lhe era imposto. *Úrsula* é publicada através de um pseudônimo, *Uma Maranhense*. Ao contrário do que a autora esperava, sua obra teve uma acolhida esplêndida, "um acontecimento a ser festejado por todo o jornalismo e homens de letras, digna de homenagem por uma obra de mérito", assim a trazia a nota do jornal *A verdadeira marmota*, Zin (2016, p.17 *apud* Moraes Filho, 1975, s/p). Contudo, mesmo ao lado de escritores maranhenses de sua época, como Aluísio de Azevedo (1857 - 1913); Gonçalves Dias (1823 - 1864); Joaquim de Souza Andrade (1833 - 1902), não foi inserida ao cânone literário, uma vez que o cânone é exclusivamente formado pelo critério patriarcal e masculinista.

2.1 MARIA FIRMINA DOS REIS E O ROMANTISMO

O romance *Úrsula* se enquadra ao Romantismo, primeiramente por estar escrito neste período de formação e construção de identidade do país miscigenado em que, embora só apareça o indígena como herói idealizado e aculturado ao modo europeu, Firmina rompe com o padrão consolidado de escrita e traz o negro como personagem heroica e humanista, a fazer parte da construção étnico-racial do país. Publicado em formato de folhetim em jornais, característica de novela, aborda a temática do amor idealizado, elevado ao transcendental ou sagrado, construindo personagens que se opõem nos caracteres bom/mal, a heroína é apresentada como malfadada de uma história familiar de muita perseguição e que sofre opressão do patriarcado.

Marcadamente pelo tom descritivista, pitoresco e de extrema valorização da fauna e flora do país, traço do Romantismo. A obra se inicia com uma descrição do sertão maranhense:

SÃO VASTOS E BELOS os nossos campos; porque inundados pelas torrentes do inverno semelham o oceano em bonançosa calma — branco lençol de espuma, que não ergue marulhadas ondas, nem brame irado, ameaçando insano quebrar os limites, que lhe marcou a onipotente mão do rei da criação. Enrugada ligeiramente a superfície pelo manso correr da viração, frisadas as águas, aqui e ali, pelo volver rápido e fugitivo dos peixinhos, que mudamente se afagam, e que depois desaparecem para de novo voltarem — os campos são qual vasto deserto, majestoso e grande como o espaço, sublime como o infinito. E a sua beleza é amena e doce, e o exíguo esquife, que vai cortando as suas águas hibernais mansas e quedas, e o homem, que sem custo o guia, e que sente vaga sensação de melancólico enlevo, desprende com mavioso acento um canto de harmoniosa saudade, despertado pela grandeza dessas águas, que sulca. É às águas, e a esses vastíssimos campos que o homem oferece seus cânticos de amor? Não, por certo. Esses hinos, cujos acentos perdem-se no espaço, são como notas duma harpa eólia, arrancadas pelo roçar da brisa, ou como sussurrar da folhagem em mata espessa. Esses carmes de amor e de saudade, o homem os oferece a Deus. (Reis, 2018, p.135)

Essa característica de valorização exacerbada do nacional do ponto de vista do autor que descreve o país em uma construção utópica, com ternura e delicadeza sobre os aspectos visuais e sensoriais da paisagem constituída pela imensidão das águas que inundam o sertão maranhense, de certa forma retrata o Paraíso, onde o homem vislumbra o seu próprio Criador na natureza. Seguindo os moldes e a estética da literatura romântica vigente que traça um panorama de um país de tradição nativista que se atrela ao orgulho nacionalista que anuncia um sentimento patriótico.

Sobre o Romantismo Candido (2002, p.20) afirma que:

o Romantismo apareceu aos poucos como caminho favorável à expressão própria da nação recém-fundada, pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar o particularismo, e, portanto, a identidade, em oposição à Metrópole, identificada com a tradição clássica. Assim surgiu algo novo: a noção de que no Brasil havia uma produção literária com características próprias, que agora seria definida e descrita como justificativa da reivindicação de autonomia espiritual.

O Romantismo presente em *Úrsula* também é perceptível através das paisagens escuras e imagens góticas, cemitérios, estradas abandonadas, matas

escuras, igrejas e conventos que ambientam o espaço narrativo, contribuindo na idealização romântica.

Neste contexto da estética e o molde romântico em *Úrsula*, a assertiva para a qual Carvalho (2002, p. 39) aponta, traduz as estéticas presente na obra:

A busca da solidão, o culto da noite, com seus mosteiros e cismares e até mesmo da morte vista como liberdade, a inquietação existencial, a frustração resultante do conflito entre o mundo sonhado e a realidade vivida, todos esses ingredientes o quadro chamado mal de siècle "mal do século", atitude de angústia e autoflagelação mórbida, com tendências autodestrutivas que podiam levar ao suicídio.

É importante salientarmos a presença marcante da morte em *Úrsula*, característica do Romantismo, todas as personagens do romance têm seu fim trágico, todos morreram, desde o anjo de candura *Úrsula* até o Comendador P.

A obra firminiana atende aos requisitos de romântico, por questões de estilo e forma literária da época. Em Da Silva (2013, p. 133) a autora afirma que Maria Firmina não escolheu ser romântica, mas como escritora de seu tempo atendeu aos moldes e estilo pertencente à época.

3 ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS: ASPECTOS GERAIS DA TRAMA

A narrativa começa pelo prólogo, no qual a narradora marca presença onisciente e em terceira pessoa, caracterizando a si mesma como bastarda, negra e de pouca erudição. A partir daí, inicia-se de fato o enredo da história com a descrição do sertão maranhense num vislumbre oitocentista de contemplação e adoração da revelação divina através da natureza, o mesmo com clima tropical e com sugestões dos bosques europeus. A apresentação minuciosa dos detalhes da flora e das estações do ano no sertão maranhense, com alternância do inverno que inunda os campos e bosques a se assemelhar com a imensidão do oceano e em decorrência das mudanças das estações do ano. Nesse ínterim, a narradora apresenta o espaço narrativo que valoriza a identidade nacional "um campo repleto de carnaubeiras", o axixá são arrançados dentro de um locus bucólicos, com águas hibernais, mansas e quedas" (Reis, 2004, p. 15-18). Nesse cenário de solitude e de calma, as "Duas Almas Generosas", título do primeiro capítulo, se encontram, o primeiro personagem, apresentado é o protagonista, o jovem Tancredo. Ele está a cavalgar a esmo, que entretimes, respirando frustração e angústia. Cai do cavalo e fica preso embaixo do mesmo. Logo em seguida, também é nos apresentado o jovem Túlio que o socorre e o leva para casa da sua dona Luísa B.. O jovem Túlio é caracterizado na sua essência negra, distanciando da estética padrão "negro de alma branca", desconstruindo a imagem de que o negro era um "ser ruim". A narradora faz questão de registrar a humanidade do negro, a generosidade, esse encontro é marcado pela dialética cosmopolita e regionalista, onde branco rico se encontra com negro pobre, escravizado e oprimido. Segundo o Cândido (2006, p. 117) o conceito de dialética:

Pode-se chamar dialético a este processo porque ele tem realmente consistido numa integração progressiva de experiência literária e espiritual, por meio da tensão entre o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição européia (que se apresentam como forma da expressão). A nossa literatura, tomado o termo tanto no sentido restrito quanto amplo, tem, sob este aspecto, consistido numa

superação constante de obstáculos, entre os quais o sentimento de inferioridade que um país novo, tropical e largamente mestiçado, desenvolve em face de velhos países de composição étnica estabilizada, com uma civilização elaborada em condições geográficas bastante diferentes. O intelectual brasileiro, procurando identificar-se a esta civilização, se encontra, todavia, ante particularidades de meio, raça e história nem sempre correspondentes aos padrões europeus que a educação lhe propõe, e que por vezes se elevam em face deles como elementos divergentes, aberrantes. (Candido, 2006, p. 117).

Após Tancredo ser socorrido por Túlio, este passa um período sob os cuidados de Úrsula que também cuida da sua mãe Luísa B. que está acamada e enferma. Luísa é viúva detentora de uma porção de terra. A personagem, é vítima diretamente da misoginia e do patriarcalismo da época. Ao casar-se com Paulo B. contra vontade do seu irmão cria uma rivalidade que culmina no assassinato do seu esposo. Tancredo em dado momento passa a delirar e a citar uma mulher por nome Adelaide com adjetivos que promovem a dualidade entre bem e mal, o certo e o errado. Adelaide era a causa direto do seu infortúnio. Adelaide que era sua prima órfã de pai e mãe, foi adotada pela mãe de Tancredo. Ambos se apaixonam, mas, por Adelaide não ter *status* e condições financeiras, o pai de Tancredo o engana e tendo regressado encontrada sua mãe morta e Adelaide sido desposada por seu pai. A partir desse fato, passa a imagem de Adelaide como a de um anjo caído que se escondia a sua verdadeira face e esta passa a ser chamada de mulher demônio. Entretanto, para Silva (2020, p. 9) é necessário que:

Adelaide merece ser lida por um outro olhar, que seja aquele que vê nela não a mulher-demônio, leitura imediata para o leitor menos atento, mas como uma mulher pobre, livre e agregada, que procura por todos os meios uma forma de sair da vil condição na qual se encontrava de “pobre órfã.” (Silva, 2020, p.9)

Ainda na casa de Luísa B., espaço onde se constrói boa parte da narrativa, aparecem, além de Túlio, mais dois negros, Antero e a Preta Susana, que são "tutores" ou responsáveis por permiti que o mesmo seja porta-voz e denuncie a condição "opressora e odiosa" de escravos que estes levam. Túlio ao socorrer Tancredo, incomoda a sensibilidade deste, que não concorda com a condição do pobre jovem e de seus iguais e a alforria, dando a Túlio sua a liberdade, todavia, decidiu que Túlio segui-lo até o fim. A Preta Susana é apresentada como uma mulher africana, mas que certo dia, em meio a labuta, fora capturada, separada da sua filha e da sua família, passando por todo o processo de transporte negreiro/navio, negreiro, relata minuciosamente o quão doloroso foi o trajeto até chegar ao Brasil. Antero, por sua vez, é construído na perspectiva de vítima, traz em sua abordagem uma vida a mercê da servidão, seu discurso carrega aspectos culturais da África. Antero descrito como um velho alcoólatra, que anteriormente era um guardião, mas ao passar pelo processo de escravidão, trabalhava sem descanso e por essa condição, encontrou na bebida uma forma de suportar a condição de escravo. A narradora desconstrói todo o discurso segregacionista e racista vigente nos moldes do viés das personagens negras. Foge da perspectiva fatalista viciosa que exprime o negro como uma condição de inferioridade por sua cor e condição, isto se apropriando do discurso religioso católico, mostrando que negros e brancos tem a mesma equidade e igualdade perante Deus. Sobre a importância desses personagens argumenta Bastos (2021):

Na importância de Túlio e Susana, podemos argumentar que ambos expressam-se em primeira pessoa na narrativa e, além disso, falam um com

o outro sobre suas próprias vidas e memórias. Embora seja o casal branco o propulsor do enredo no primeiro plano, segundo esquemas familiares aos leitores, a centralidade do tema da escravidão e a existência de personagens negros que têm voz, têm passado, têm desejos de liberdade (...) (Bastos 2021, p. 7)

Entre trocas de olhares, noites de sono perdidas dedicadas aos cuidados da mãe e do jovem Tancredo, surge o sentimento da paixão entre o casal protagonista que norteia todo o plano de fundos para vozes identitárias. Tancredo ao melhorar se encontra com a nobre donzela Úrsula, doce, bela e cheia de empatia, e divide sua solidão com sua mãe Luísa B que está doente. O jovem se declara para a moça. Porém, surge aí, um obstáculo, o tio de Úrsula, o comendador Fernando P. que também se apaixona pela moça. O comendador é tido como um homem truculento, violento que gosta de torturar escravos e responsável por diversos crimes, como o de matar o pai de Úrsula e de maltratar sua irmã, Luísa B., apenas para ter a moça como esposa. O comendador também é o responsável pelo final trágico da narrativa.

Tancredo, tendo recuperado sua saúde, decidiu ir embora e prometeu a Úrsula voltar para sua amada. Quando volta, descobre que o tio de Úrsula tem se apaixonado pela moça e fará de tudo para tê-la para si. Todavia, Tancredo e Úrsula se organizam para casar às pressas, mas o Comendador Fernando P., enlouquecido de ciúmes, mata Tancredo na noite do casamento do casal. A jovem Úrsula enlouquece e falece, isso causa no comendador Fernando P., remorso profundo e a partir daí, o homem, alforria todos os seus escravos e passa a desejar a morte, resigna e vive em um convento até o dia da sua morte.

4 A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM ÚRSULA: A SUBALTERNIZAÇÃO

A personagem Úrsula aparece na narrativa após o incidente acidental de Tancredo que desencadeia todo o romance. A primeira aparição de Úrsula é marcada pelo discurso romântico que a idealiza aos moldes da estética da época, utilizada do processo de adjetivação para promover seu efeito sublime de extrema contemplação da figura feminina, ora trajado do discurso religioso que polariza entre mulher demônio versus mulher anjo. No caso de Úrsula, em primeira instância, a caracterização aponta para a mulher anjo e para virgem Maria, por sua doçura, empatia, caridade, compaixão e ser virginal "donzela", expresso em:

A lua ia já alta na azulada abóbada, prateando o cume das árvores, e a superfície da terra e, apesar disso, Úrsula, a mimosa filha de Luísa B., a flor daquelas solidões, não adormecera um instante. É que agora esse anjo de sublime doçura repartia com seu hóspede os diurnos cuidados que dava a sua mãe enferma; e assim, duplicadas as suas ocupações, sentia fugir-lhe nessa noite o sono. Bela como o primeiro raio de esperança, transpunha ela a essa hora mágica da noite o lumiar da porta, em cuja câmara debatia-se entre dores e violenta febre o pobre enfermo. Era ela tão caridosa... tão bela... E tanta compaixão lhe inspirava o sofrimento alheio, que lágrimas de tristeza e de sincero pesar se lhe escaparam dos olhos, negros, formosos e melancólicos. Úrsula, com a timidez da corsa, vinha desempenhar à cabeceira desse leito de dores os cuidados que exigia o penoso estado do desconhecido. Nenhuma exageração havia nesse piedoso desempenho; porque Úrsula era ingênua e singela em todas as suas ações (...) (Reis, 2018, p.135)

A forma como é exposta a condição feminina através da personagem Úrsula põe em pauta o discurso hegemônico, construído sobre a ótica masculina e

religiosa, que determinava quais comportamentos femininos deveriam ser aceitos pela sociedade, a mulher doméstica, a mulher virginal, obediente, submissa e devota são exemplos. Na perspectiva da estética romântica de Abdala Jr & Campedelli (1997, p. 117) a figura feminina, mulher, seja ela branca ou preta, rica ou pobre, é de uma mulher doméstica, chefe da casa e representante do núcleo familiar, a quem é destinada ao casamento, a ser mantido a todo o custo. No caso da personagem Úrsula, há uma ruptura, quando a personagem passa a funcionar como plano de fundo para que o subalterno e o marginalizado tenham lugar de falar.

Segundo Spivak (2010, p. 12) na obra *Pode o Subalterno Falar*, o termo subalterno, "descreve as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante". Embora, Úrsula seja descrita como uma mulher branca, ela se encaixa nas questões que envolvem o gênero, em que a mulher fica como plano de fundo, a sombra do homem, tida como um ser inferior, sendo esta imposição naturalizada e tradicional. A tradição e a naturalização/normatividade da imposição da dominação do homem sobre o feminino colocaram a mulher como sujeito submisso e subalterno ao homem, restando-lhe, o silenciamento, a servidão e a obediência absoluta. De acordo com Foucault (2012, p. 132-133):

Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Muitas coisas, entretanto, são novas nessas técnicas [...] métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as "disciplinas". Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação (Foucault, 2012, p. 132-133)

A personagem Úrsula reflete a subjetividade da condição feminina, cuja imposição masculinista impôs a sua imobilidade, privando-a da liberdade de ascender de posição social ou de caminhar livremente para outros lugares. Isso se revela de modo patente, pois Úrsula, faz seus passeios noturnos, quando ninguém a ver e entre esses passeios noturnos, surge o romance do casal protagonista. Tancredo ao se recuperar do fatídico acidente a cavalo, alforria Túlio como forma de recompensa por ter salvado sua vida e este se prontifica a segui-lo até a morte. E Úrsula vendo que Túlio fora liberto, a narradora expressa "E Úrsula invejava vagamente a sorte de Túlio e achava maior ventura do que a liberdade poder acompanhar o cavaleiro "(Reis, 2018, p.30).

Úrsula se demonstra insatisfeita com a vida que levava, desejava em seu âmago seguir seu amado e gozar da liberdade, mas sua condição subalterna não lhe permitia e seu ser amargurado a cada dia que se passava deteriorava, no trecho a seguir demonstra este fato:

Pobre menina! Toda entregue a uma preocupação, cuja causa não podia conhecer ainda, engolfava-se de dia para dia em mais profunda tristeza, que lhe tingia de sedutora palidez as frescas rosas de suas faces aveludadas. Pouco e pouco desbotava-se-lhe o carmim dos lábios, e os olhos perdiam seus vívidos reflexos, sem que nem ela própria desse fé dessa transformação! Alguém havia, porém, que reparava nessa mudança, que o coração já lho havia denunciado, fazendo-lhe vibrar nas suas cordas todos

os simpáticos eflúvios que emanavam do peito cândido e descuidoso da virgem. Esse alguém amava a palidez de Úrsula, esse alguém adorava-lhe a suave melancolia, e o doce langor de seus negros olhos. Mas ela nem sequer descobrira tal, não sabendo explicar na sua inocência o que sentia. (Reis, 2018, p.30)

A amargura de levar uma vida sem perspectiva, aprisionada ao fato de não poder sair da condição que fora lhe imposta "naturalmente", lhe torturava. Todavia, com as juras de amor do Jovem Tancredo que ao seu tempo desconstrói a imagem de homem opressor e dominador, trazia a esperança a Úrsula, no casamento, uma fuga daquela realidade hostil. Não tendo ela quem a ouça e quem a faça ser ouvida, o seu discurso é silencioso e solitário. Para Spivak (2010, p.15):

o discurso do subalterno é obliterado, a mulher encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero. (...) "Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade". (Spivak, 2010, p.15)

Enquanto Úrsula sofre na solidão a espera do retorno do seu amado para cumprir com a promessa de ter sua liberdade, é arrebatada de súbito pelo amor ameaçador e truculento do Comendador Fernando P., seu tio, irmão da sua mãe Luísa B., cujo é o culpado direto pelas aflições e da condição que Úrsula levava. Fernando P., ao se aproximar de Úrsula, se apaixona e roga aos céus que fará dela sua esposa. Tancredo tardando chegar, Fernando P., resolve visitar sua irmã que há muito não a via, e ao chegar lá, encontra com Úrsula que ainda não sabia que este homem truculento era seu tio e assassino de seu pai, não revela seu nome e lhe ameaça ferozmente:

— O meu nome, Úrsula, mais tarde o sabereis!

Agora ide-vos! Rogai ao céu, — acrescentou — meiga e inocente donzela, rogai ao céu para que vos possa esquecer; porque se o meu amor prosseguir assim, extremoso, indomável, apaixonado, haveis de ser minha; porque ninguém me desdenha impunemente. Ouvis? — disse em tom de ameaça, e depois em meia súplica. (Reis, 2018, p.79-80)

A aparição do Comendador Fernando P., revela-se o maior obstáculo para concretização do amor entre Úrsula e Tancredo. O reflexo de Fernando P., neste contexto, configura-se como o impulso da função dominadora e hegemônica, apropriando-se do tradicionalismo cultural, empregando a força e a violência, primeira psicológica, seguidas da física e simbólica, forçando Úrsula ser submissa a sua vontade e reverberando a cultura do homem forte e da mulher frágil.

O discurso do Comendador Fernando P., imerso de autoritarismo e ódio, determina conforme a sua vontade o destino de Úrsula, de tal forma a ser sua propriedade, a objetificando e a inibindo de tomar decisões, restringindo-a ao silêncio. Úrsula sofre duas violações nessa ocasião ou uma dupla-violência, uma imposta pelo homem e a outra pela imposição da colonização, o que estabelece uma relação direta no processo de colonização, colonizador e colonizado. Relata a narradora tamanho infortúnio e infelicidade:

Infeliz donzela! Por que fatalidade viu ela esse homem de vontade férrea, que era seu tio, e que quis ser amado? Esse homem, que jamais havia amado em sua vida; por que a escolheu para vítima de seu amor caprichoso, a ela que o aborrecia, a ela a quem ele tornara órfã, antes de

poder avaliar a dor da orfandade? A ela que amava a outrem, cujo nome devia conhecer; porque mais de uma vez o vira no tronco da árvore, enlaçado com o de Úrsula, a ela que toda a sua alma, toda a sua vida pertencia agora a esse jovem cavaleiro?! (Reis, 2018, p. 92-93)

Úrsula, tendo Tancredo regresso e se situado de todos os acontecimentos, propõe como solução para escapar do amor incestuoso, da opressão e da violência de seu tio Comendador Fernando P., de fugirem. Todavia, Tancredo sendo o reflexo do homem em que está disposto a ceder lugar de fala para mulher, tenta a defender do transtorno causado pelo Comendador, mesmo assim, Úrsula ainda fica a sombra à mercê de um homem para a defendê-la e assim, ambos fogem:

Terminada a oração, Úrsula, espavorida e amedrontada, disse: — Fugamos, Tancredo! Mas, ah! O seu ódio pode seguir-nos por toda a parte. — Úrsula, o meu braço é bastante forte para defender-te; estás ao abrigo do seu furor. — Fugamos! — Tornou a moça, desvairada — Ele não tarda a chegar. (Reis, 2018, p.101-102)

O comendador Fernando P., se projeta e se organiza para tomar Úrsula como esposa à força, usando de legitimidade sua posição social e da sua notoriedade, caso, o casal romântico fossem contrários à sua vontade, usaria da violência física para obter sucesso. A esta condição masculina que normaliza a imagem do homem como ser forte e da mulher como ser frágil e submissa é refletida na cultura patriarcal e reflete, como um ser controlável, domável e sinônimo de posse/troféu. Esse comportamento está contido no seguinte trecho:

— Não é possível! Embora ela o ame, não poderá resistir à minha vontade. E demais onde está agora esse insensato? Na comarca de***, quando voltar tudo estará feito: Úrsula será já minha esposa, e ele, resignado, ou esquecido, ou mesmo desesperado; mas respeitando minha posição social e meu nome, morrerá de inveja, embora amaldiçoando a minha felicidade. Mas, se pelo contrário!... Não é possível! Se pelo contrário, ai dele! (Reis, 2018, p.97)

No dia do casamento de Úrsula e Tancredo, todas as personagens subalternas tem seus destinos finalizados de forma trágica, silenciadas pelo viés da morte. O comendador, arrebatava violentamente Úrsula como esposa que enlouquece e morre:

E ela, nesse transe supremo, cruzou as mãos sobre o peito, apertando nesse estreito abraço a florzinha seca de sua capela, murmurou — Tancredo! —E com os lábios entreabertos, e onde adejava um sorriso divinal, e como um anjo deu o último suspiro. (Reis, 2018, p.135)

Tamanha a brutalidade da violência física e psicológica sofrida por Úrsula demonstra a condição de opressão a qual as mulheres coloniais estavam submetidas, a casar, procriar e ser submissa, à normalização que este era o seu destino. Úrsula não morre silenciada em si, uma vez que seu plano de fundo ressoou em vozes que refletindo as condições precárias e as violências que estavam condicionadas, não se acomodaram à sujeição. Úrsula é o grito da mulher subalterna que emerge da marginalidade para desconstruir e ressignificar a imagem feminina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A guisa de conclusão deste trabalho retoma a ideia de tratar da questão da personagem Úrsula como figura representativa da mulher subalterna, como está inserida e construída, seus dilemas e confrontos. A personagem possibilita através da sua visibilidade a outros personagens terem seu lugar de falar e de expressão que outrora foram emudecidos pelo cânone literário.

Ao longo do trabalho refletimos questões voltadas para o falocentrismo, misoginia e patriarcalismo, a demonstrar os malefícios e sequelas que trouxeram para a mulher, como também fazer menção da importância da contemporaneidade dos estudos voltados para literatura afro-brasileira e principalmente fazer notório a literatura produzida por mulheres brancas e negras. O interesse pela obra Úrsula de Maria Firmina dos Reis, foi uma tentativa de proporcionar maior amplitude para uma obra tão densa e de tamanha importância para formação cânone literário brasileiro, embora, não fazendo parte por questão de normativas, a obra reflete as construções culturais e ideológicas do século XIX que estão presentes em nossos currículos das universidades e das escolas.

Ao estudarmos as representações da mulher subalterna e daqueles que ganham voz através dela, problematizamos e ampliamos os horizontes discursivos, contribuindo para campo de pesquisa de secundaristas, universitários e professores pesquisadores.

6 REFERÊNCIAS

ABDALA JR., Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos da Literatura Brasileira**. 5ª Ed. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 1997.

ASSIS, Machado de. **Machado de Assis**: crítica, notícia da atual literatura brasileira. São Paulo: Agir, 1959. p. 28 - 34: Instinto de nacionalidade. (1ª ed. 1873).

CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas; FFLCH-SP, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 1ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

SILVA, Régia Agostinho da. **A escravidão do Maranhão**: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX. 2013. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.8.2013.tde-14032014-094659. Acesso em: 22 nov. 2023.

SILVA, Régia Agostinho da. Por uma outra leitura de Adelaide do romance *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis. **Revista Firminas**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 86-95, jan/jul, 2021. Disponível em: <https://mariafirmina.org.br/por-uma-outra-leitura-de-adelaide-do-romance-ursula-de-maria-firmina-dos-reis-regia-silva/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

DUARTE, Constância Lima. Literatura Feminina e Crítica Literária. **Anais do II Encontro Nacional**, 1987. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17198>. Acesso em: 22 nov. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo. Ed. Loyola, .1996.

BASTOS, Laísa Marra de Paula Cunha. Maria Firmina dos Reis e o projeto nacionalista literário no século XIX. **Literafro**, UFMG, 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/MariaFirminaArtigoLaisa.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2023.

JOBIM, José Luís; ARAÚJO, Nabil; SASSE, Pedro Puro. (orgs.). **Novas Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima, 2021.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora: UFMG: Belo Horizonte, 2010.

XAVIER, Elóida. A narrativa de autoria feminina: ontem e hoje. *In*: FUNCK, Suzana Bornéo (Org.). **Trocando ideias sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: UFSC. 1994.

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista**. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19479>. Acesso em: 10 nov. 2023.